

Nietzsche e a ética do esquecimento

Nietzsche and the ethics of oblivion

ABRAAO LINCOLN COSTA¹

Resumo: Nietzsche nos diz que assim como toda vida orgânica não apenas necessita de luz, mas também da escuridão, esquecer torna-se uma ação precisa para o fortalecimento da vida. A partir dessa reflexão, o presente trabalho propõe analisar a tese nietzschiana do “esquecimento” enquanto força plástica [*Plastische kraft*], capaz de libertar o homem dos sofrimentos decorrentes do excesso de memória. Dessa forma, veremos parte da crítica do filósofo feita ao sentido histórico da modernidade, denunciando-o então como uma doença histórica [*Die historiche*], em razão da incapacidade durante tal época de reconhecer suas falsas aplicações. Tempo ainda que mostrou-se incapaz de promover as devidas críticas ao mundo e a sociedade em geral, consagrando de forma restrita as conquistas do passado, além de expandi-las de maneira desmedida e universalizante.

Palavras-chave: Nietzsche. Ética. Esquecimento histórico. Modernidade.

Abstract: Nietzsche tells us that just as all organic life not only requires light, but also darkness, forgetting becomes an action needed to strengthen life. Based on this reflection, this study aims to analyze the Nietzschean thesis of "oblivion" as a plastic force [*Plastische kraft*] able to free man from the suffering caused by excessive memory. Thus, here we see part of the philosopher's critique of the historical meaning of modernity, denouncing it as a historical disease [*Die Historiche*], due to the inability, at the time, to recognize its false applications. A time that also proved unable to promote the necessary critique of the world and society in general, narrowly consecrating past achievements, and expanding them in a disproportionate and universalizing way.

Keywords: Nietzsche. Ethics. Oblivion historical. Modernity.

No prefácio da *II Consideração Extemporânea: Sobre a utilidade e da desvantagem da História para a vida* (*Unzeitgemässe Betrachtungen. Zweites Stück: Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben*), vemos, tal como em obras anteriores, Nietzsche retomar as críticas aos filisteus da cultura², pois para o filósofo, esses costumeiramente se contrapunham ao desenvolvimento de uma cultura

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. E-mail: abraaofilosofia@gmail.com.

² Para Nietzsche, o filisteu da cultura representa todo aquele que esteja à mercê da cultura decadente, de forma que esse filisteu deva então ser entendido como um homem destituído de conhecimento de si mesmo e que, dessa maneira, acolhe a crença de estar ciente de que a sua cultura seria a expressão máxima do verdadeiro espírito [*Geist*] alemão. De acordo com Marton (cf. 1993, p. 18), Nietzsche vê o filisteu como expoente oposto aquilo que de fato tem a ver com a cultura superior [*Kultur*], pois diante da sua incapacidade de criação, acaba por se restringir à mera imitação e ao consumismo. O problema é que o filisteu costuma denominar-se como alto representante da cultura, influenciando suas ideias nos diferentes segmentos políticos e culturais, que, por isso acabou assumindo suas fortes influências. Desse modo, vê-se então o embrutecimento do ser humano, dispersado e enaltecido por uma falsa cultura, que entende o Estado como uma espécie de fim último da humanidade, e na propriedade, o reflexo de uma vida feliz.

superior [*Kultur*]. Homens cujo tratamento histórico resumiram-se ao simples saudosismo do passado, incapazes de promover qualquer articulação com os fatos da vida presente. Diante disso, adverte o filósofo, qualquer estudo histórico jamais deveria concentrar-se na efêmera tarefa de produzir conhecimentos à serviço de uma cultura decadente. Ao contrário, é preciso impulsionar as ações daqueles que buscam no passado a referência necessária para construir o futuro, promovendo assim um saber histórico de estreita relação com a vida [*das Leben*]. Entretanto, todo aquele que explora em demasia o passado, desprezando por conta disso as ações do presente e do futuro, fará então com que o historicismo de caráter moderno torne-se danoso para a saúde e para a vida. Porém, ao tratarmos o passado histórico com a visão concomitantemente posta no presente e no futuro, nos permitiremos enxergar a verdadeira utilidade do sentido histórico à vida dos homens e da cultura.

Mas afinal, o que seria o sentido histórico? Podemos responder essa pergunta afirmando de início tratar-se do retorno ao passado de nossas principais lembranças. Além disso, também refere-se a uma retrospectiva obtida pelas recordações de sentimentos e das representações provenientes da cultura: dessa maneira, o sentido histórico tem a função de levar para a consciência as coisas que já se passaram, esgotadas no fluxo do tempo, ainda pertinentes de serem analisadas ao creditarmos a essas memórias a capacidade de compreendermos melhor o presente, bem como traçar com maior lucidez os planos para o futuro. Nietzsche, entretanto, chama atenção sobre o equívoco do excesso de sentido histórico, ou seja, a demasiada crença dos filisteus ao debruçarem-se amplamente nessa investigação do passado a fim de obterem melhores condições para responderem sobre o presente e o futuro. Trata-se para o filósofo alemão de grave equívoco pensar assim, uma vez que a obsessão em investigar todas as minúcias do passado na intenção de decifrar os mistérios do mundo faria com que esse historiador comprometesse as forças vivas da atualidade, impedindo a criação do futuro que não fosse mera repetição ou sofrimento.

Do ponto de vista histórico que inaugura o que existiria de original na modernidade, o homem, por conta da sua presunção científica, acreditava ter se livrado da metafísica; entretanto, o desmedido desejo da ciência pela busca de uma verdade absoluta sobre os acontecimentos do passado era a prova de que ainda mantivesse-se presa à velha tradição filosófica e religiosa da qual acreditava estar liberto. Assim como na *II Consideração Extemporânea (II Unzeitgemässe Betrachtungen)*, Nietzsche retoma a problemática da natureza metafísica do sentido histórico dos modernos na tragicidade da sua parábola da “Redenção” encontrada no *Assim Falou Zaratustra*. O homem moderno é tratado na obra como o “assassino de Deus”, o “homem mais hediondo”. Adjetivos que representavam o homem da tradição judaico-cristã, que embora esforçoso em livrar-se das amarras do

transcendente, submetia-se a ciência aos mesmos dogmas universalizantes que o cristianismo sempre utilizou.

Os avanços da cultura moderna despertaram não apenas o orgulho no povo alemão como também o interesse de registrar seus principais momentos somente pela atenção à cultura histórica [*Historische Bildung*]. Essa febre histórica [*Historische Fieber*] que atendia os desígnios da corrente hegeliana, entretanto, passou a se defrontar com as duras críticas de Nietzsche, que entendeu sua época, conforme dissemos no parágrafo anterior, tratar-se do movimento responsável pelo desencadeamento do declínio da cultura alemã.

Isso significou que diferente da simples satisfação com as memórias do passado, a cultura alemão a influência da cultura hegeliana desejava uma consciência histórica capaz de se revelar como uma vontade de futuro.³ Desse modo, é preciso entender que o Estado alemão fora o responsável pelo enaltecimento das grandes realizações históricas, incluindo-as em seus constantes discursos nacionalistas de perspectiva aos novos tempos, para então justificar que apenas no futuro poderia ser reconhecido aquilo que estivesse sendo feito no presente. As expectativas sobre o futuro conferiam os acontecimentos da atualidade como um direito histórico, acreditando, dessa maneira, que a história [*Historie*] seria o tribunal a julgar em última instância. Em contraposição a isso, Nietzsche em sua *II Consideração Extemporânea*, reiterou-se dos mesmos parâmetros da cultura grega, incluindo juntamente ao começo desta obra um componente, segundo ele, capaz de realçar a vida, distanciando-a em certa medida da “tristeza e do sofrimento”, isto é, a tese do esquecimento.

Os diversos acontecimentos históricos lançados no passado só poderiam ser suportados mediante a economia de certas lembranças e do esquecimento. Para Nietzsche, a consciência da memória seria uma espécie de arranjo irreparável que constitui a cada um de nós seres humanos. Algo bem diferente dos animais, que vivem constantemente no presente, por isso sem qualquer condição das lembranças do passado ou terem que realizar projeções do futuro, motivo esse pelo qual podem viver felizes e sinceros, despertando a inveja dos homens. Por meio dessa relação entre a história com a existência que o filósofo desenvolve suas considerações sobre a lembrança e o esquecimento. Ora, se o homem almeja a felicidade e a memória dos erros, apenas acentuam-se os infortúnios que passou, logo, a vida feliz consiste exatamente na capacidade de esquecer. Muitas lembranças podem significar a dor à medida que o esquecimento torna-se o conforto que produz um efeito psíquico de estar por algum tempo fora da história.

Diferentemente da doutrina do esquecimento, chamamos novamente atenção para as considerações de Hegel acerca da história. Para o autor da *Fenomenologia do*

³ MOURA, Carlos A.R. Nietzsche: *Civilização e Cultura*, p. 161.

Espírito [Phänomenologie des Geistes], os fatos históricos devem estar de acordo com tudo aquilo que seja rico em acontecimentos e, por conseguinte, em profundas lembranças. Com isso, o hegelianismo entende que os grandes feitos do passado só podem ser lembrados devido à notoriedade conquistada pelo sucesso de suas ações. A exemplo disso, teríamos a vitória do cristianismo sobre o mundo antigo, além dos avanços da ciência nos últimos séculos, o que para os olhos da cultura moderna tornaram-se provas incontestáveis da superioridade do espírito [*Geist*] alcançada no decorrer da história.

Nietzsche, entretanto, reconhecia nas considerações hegelianas acerca da cultura histórica uma idolatria de imensurável equívoco, pois se para os hegelianos tudo aquilo que escapa da memória histórica é também considerado infrutífero ou injustificável, nosso filósofo⁴, ao contrário, entendia o esquecimento como uma força plástica [*Plastische Kraft*] capaz de reavivar o homem de forma física e espiritual, transformando e assimilando as coisas do passado, curando as feridas e reparando as inúmeras perdas causadas pelo tempo. Nesse sentido, mesmo do alto das grandes conquistas, para Nietzsche, o homem possui inveja dos animais, por serem mais capazes dessa habilidade do esquecimento [*Vergessenheit*]. Seres que diferentes de nós, encontram-se notavelmente destituídos da consciência perturbadora, por isso incapazes de sofrerem qualquer aflição concernente à busca pelo ideal de uma vida próspera e feliz. Seres ainda incapazes de sentirem culpa ou de contraírem mágoas, pois não estariam presos assim como nós no passado. Dessa forma, o homem seria então o único ser vivo vítima das próprias lembranças. As lembranças dos erros que ao longo da vida cometeu e dos males que o fizeram vítima, além, é claro, da consciência da sua finitude, o que deduzimos tratar-se da principal inveja em relação a qualquer outra espécie animal, indiferentes a essas perturbações.

Essa inveja da qual alguns homens destilam aos animais, contudo, poderia ser dispensada, caso contraíssemos para o espírito a nobre força plástica do esquecimento. Por conta disso, Nietzsche atribui o surgimento de um estilo de vida a-histórico [*Unhistorich*], isto é, uma postura de vida em que fossemos completamente absorvidos pelos acontecimentos do presente, logo incapazes de dissimular e, tampouco, de reprimir qualquer amargura, por sabermos empenhar nossas ações com a firmeza do caráter, conduzindo-nos então a uma posição de autêntica sinceridade frente às intempéries do mundo.

É desse modo que Nietzsche então estabelece relação do histórico, entendido como algo que serve à vida com o a-histórico [*Unhistorich*], ou seja, a um novo tipo de história, vinculada ao poder no qual pensa a vida como força criadora para além da racionalidade comumente expressada na História [*Historie*] de caráter puramente científico. Assim, é improvável aproximarmos um tipo histórico de

⁴ HL/Co. Ext. II, p. 73.

caráter puramente científico, conforme defendido por Hegel e toda a cultura moderna com o sentido a-histórico, cuja intenção é promover a vida mediante a possibilidade de cultuar o passado sem perder de vista sua articulação com o presente. Com base nessa afirmativa, entendemos a crítica de Nietzsche sobre a ideia hegeliana de um tipo de História [*Historie*] predominantemente científica e racional, que acredita num espírito universal, capaz de realizar-se nela própria alcançando a autoconsciência de si na consciência do homem como espírito divino e absoluto.

A história compreendida à maneira hegeliana foi chamada ironicamente de a marcha de Deus pela terra, mas sendo este próprio Deus somente uma criação da história. Foi nas cabeças hegelianas que ele se tornou transparente e compreensível para si mesmo, tendo já transposto todos os graus dialeticamente possíveis do seu futuro até esta última auto-revelação: de maneira que, para Hegel, a culminância e o acabamento do processo universal coincidem com a sua própria existência berlinense.⁵

É preciso haver certa economia das lembranças ou até mesmo esquecê-las, considerando a disposição inevitável e característica da nossa condição humana. A capacidade de viver no momento atual é aquilo que Nietzsche qualifica como sentido a-histórico de viver. Capacidade da qual o ser humano dificilmente possui meios de adicionar, por conta da sua natural incapacidade, por isso simplesmente tende a tornar-se num ser mentiroso e infeliz. Contudo, podem existir maneiras de o homem manter-se no presente, desfrutando de uma felicidade momentânea, como a exemplo do homem tomado por uma forte paixão, fazendo então esquecer do tempo. Tratar-se-ia do modo de vivência a-histórica, pois estaria impulsionada por uma poderosa força plástica, que também possibilitaria o indivíduo de lançar um olhar com generosidade e indiferença ao passado à proporção de que ainda determinaria seu próprio futuro.

A tese nietzschiana acerca do esquecimento exige de nós a devida atenção, pois do contrário, cairíamos no equívoco de nos prendermos dentro do seguinte questionamento: haveria espaço para pensarmos o sentido a-histórico uma vez que as lembranças do passado fossem totalmente esquecidas? A fim de nos afastarmos dos falsos riscos desse entendimento, primeiramente, respondemos que Nietzsche jamais propôs radicalmente o esquecimento do passado, o que nos levaria a um sentido anti-histórico, porém, o mesmo nos adverte que assim como todo organismo vivo necessita da luz, também é necessário a escuridão, ou seja, do esquecimento⁶. Daí o interesse do filósofo em coadunar o modo de vida a-histórico [*Unhistorich*] com o histórico [*Historich*] no propósito de realizar o projeto de revitalização da cultura alemã. Em suma, é preciso aprender a lembrar daquilo que

⁵ HL/Co. Ext. VIII, p. 145.

⁶ HL/Co. Ext. II, p. 73.

de fato seja útil à vida, e, desse modo, auxiliar na construção de um sentido verdadeiramente histórico capaz de esquecer aquilo que venha a nos debilitar e enfraquecer.

A serenidade, a boa consciência, a atividade alegre, a confiança no futuro – tudo isso depende, num indivíduo, assim como num povo, da existência de uma linha de demarcação entre o que é claro e bem visível e o que é obscuro e impenetrável, da faculdade tanto de esquecer quanto de lembrar no momento oportuno, da faculdade de sentir com um poderoso instinto quando é necessário ver as coisas sob o ângulo histórico, e quando não. Este é exatamente o princípio sobre o qual o leitor é convocado a refletir: o elemento histórico e o elemento a-histórico são igualmente necessários à saúde de um indivíduo, de um povo, de uma cultura.⁷

O esquecimento tornou-se um estudo comprovadamente caro ao pensamento nietzschiano, uma vez que o mesmo perpassa as diferentes fases da sua filosofia. A exemplo disso, quando comparamos⁸ a *II Extemporânea* de 1874 com a *Genealogia da Moral* de 1887 (*Zur Genealogie der Moral*) constatamos que Nietzsche preserva⁹ o mesmo interesse pelo tema da juventude, ampliando suas considerações quando afirma na força [*Kraft*] do esquecimento um tipo de ação afirmativa, pois:

[...] esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar de assimilação psíquica), do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou assimilação física.¹⁰

101

Quando o uso da consciência opera mediante a habilidade psíquica do esquecimento, temos a possibilidade da abertura de um novo tipo de conhecimento

⁷ HL/Co. Ext. II, p. 74.

⁸ Sobre a história da publicação da *II Consideração Extemporânea*, ocorrida em fevereiro de 1874, é importante destacar a contribuição de Carl von Gersdorff, responsável por redigi-la, assim como Erwin Rhode, que na mesma época fez as correções. No ano de 1886, Nietzsche, entretanto, chegou a rever esta obra, corrigindo-a novamente e acrescentando as novas alterações ao texto original, motivo pelo qual notamos no ressurgimento do tema do “esquecimento” [*Vergessenheit*] na *Genealogia da Moral*, de 1887 preservada a mesma linha de argumentação.

⁹ Vania Dutra considera que o retorno do tema do “esquecimento” em *GM* tem como novidade o ato de assumir a tarefa de “guardião da ordem psíquica enquanto se liga o ato de esquecer ao poder agir, criar, organizar, enfim, dominar” (*Das vantages e desvantages da História da Filosofia para o ensino da Filosofia*, p. 68). Ora, diante dessa definição não percebemos qualquer alternância da linha argumentativa já apresentada na *Segunda extemporânea*. Certamente, a obra *GM* demonstra sua inovação metodológica se comparada aos escritos anteriores, a exemplo de seu método genealógico em substituição ao método histórico, conforme visto na juventude. De toda forma, reitero não haver qualquer tipo de revisão da definição dada ao esquecimento em 1886, que não seja apenas a articulação dessa tese com as ideias sobre a moral, que vinham em processo de maturação desde *Aurora e Para Além de Bem e Mal*.

¹⁰ *GM*, II, 1.

de caráter indeterminado. Esquecer, portanto, torna-se um benefício à saúde física e mental, pois preserva a placidez fundamental que leva o homem à superioridade do espírito. “Como o que logo se vê que não poderia haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, presente, sem o esquecimento.”¹¹ No entanto, todo aquele o qual tenha danificado esse precioso aparelho inibidor do esquecimento, acaba se comparando a uma pessoa doente, por conta da sua incapacidade para engendrar grandes feitos na vida. Fatalmente, esse mesmo indivíduo que tanto precisaria da força [*Kraft*] inibidora para conquistar uma saúde forte, ao oposto, acabou contraindo dentro de si a faculdade da memória, com cuja ajuda o esquecimento é ignorado em diversos casos.

Reiteramos que Nietzsche denuncia apenas o excesso de História da Filosofia, que pela incapacidade de interagir com o presente acabou inibindo a produção filosófica relativa às oportunidades de pensar sobre as situações concretas pertencentes ao momento atual. Era então preciso pensar numa forma de estudo em que o homem pudesse visitar o passado sem correr nenhum risco de paralisia, ou seja, desenvolver uma forma de culto a esse passado permitindo ao mesmo instante potencializar o presente. É inegável o valor contido na tradição, tornando-se fundamental enquanto possível parâmetro para o presente ao transmitir como herança suas crenças e valores. Portanto, a intenção é reforçar que o aprisionamento a esse passado paralisa as chances de criação de novas crenças e valores atuais, caso a história não se atente que o presente, em condições reflexivas seja capaz de ressignificar o passado. Por isso, depreendemos que o sentido histórico pensado por Nietzsche permitiria as condições de achar a justa medida entre a falta e o excesso de História da Filosofia, conseguindo, dessa forma, apoiar-se na tradição sem deixar-se estagnar pelo passado.

Referências

MARTON, S. *Nietzsche: A Transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

MOURA, C. A. R. de. *Nietzsche: civilização e cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NIETZSCHE, F. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Trad. e prefácio de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Escritos sobre história*. Trad.: Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Trad. André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

¹¹ GM, II, 1.

Submissão: 26.05.2019 / Aceite: 20.06.2019.